

Aspectos antropológicos e culturais

Silvino Santin

Desde a celebração de seu centenário, há vinte anos, a imigração italiana no Rio Grande do Sul tornou-se fonte inspiradora para muitos pesquisadores e estudiosos de diferentes áreas do saber. O descendente do imigrante italiano, talvez, mais que outras imigrações, soube celebrar, cantar, reviver e capitalizar a saga de seus antepassados. É difícil, neste curto espaço, fazer um inventário de tudo que já se fez, e, muito menos, descrever as múltiplas iniciativas atualmente tomadas para refazer a trajetória de uma massa de imigrantes, unida por um destino comum. Não seria exagero, acredito, afirmar que se trata de um fato migratório de características originais e, até, poder-se-ia dizer, único no mundo.

Inicialmente, os esforços das comemorações centenárias convergiam para o passado, ainda que cronologicamente muito recente, parecia condenado ao esquecimento por múltiplas razões, cujas raízes podem ser encontradas no interior da própria imigração, que queria apagar sua desprezada e humilhada tradição cultural, até nas perseguições ideológicas e políticas desencadeadas pelo governo brasileiro. Aos poucos as atitudes foram mudando. A humilhação do passado foi dando lugar à exaltação. Os costumes, a língua, os traços culturais tornaram-se marca registrada de um povo vencedor. Os ecos centenários deixaram de ser simplesmente uma restauração de recordações para se tornarem uma retomada do próprio processo imigratório. A chegada do imigrante passou a significar o primeiro momento de uma imigração. Deixou de ser vista como um fato do passado, acontecido, acabado, definitivo e encerrado. Ela foi atualizada. Tornou-se presente. Precisa, então, ser continuada, porque é futuro.

A italianidade ressuscitou no interior da brasilidade através da figura antropológica do ítalo-gaúcho. Os tempos pioneiros, inaugurados por uma quase-fuga ou quase-expulsão da Pátria-mãe, marcados pelo abandono, humilhação e, até, desprezo da Pátria-adoptiva e vividos com coragem, bravura e heroísmo, constituíram-se no solo seguro das construções do presente e dos projetos futuros. O imigrante renasceu, tornou-se cheio de vida e passou a desfilar triunfalmente na plenitude de uma nova cidadania. Mais que reabilitar o passado se está exaltando o presente e projetando o futuro. Seu sangue, seu trabalho, sua inteligência,

Silvino Santin é doutor em filosofia da linguagem pela Sorbone, Paris. Professor de Educação Física na UFRGS.

sua inventividade fazem, agora, reconhecidamente parte de um novo povo, de uma nova cultura e de uma nova ordem social.

Dentro desta paisagem quero voltar-me para alguns aspectos do perfil antropológico-cultural deste imigrante redimido. Vou reduzir a presente incursão na temática antropológica a duas obras literárias. A primeira, e não poderia ser diferente, é a insubstituível *Nanetto Pipetta*. O autor, Frei Paulino (Aquiles Bernardi) traçou o perfil antropológico-cultural dos imigrantes. É verdade, não foi este o objetivo do escritor; todos sabem. Fica claro também que Nanetto é um anti-herói *sui generis*. Ele tem tudo para ser um fracasso total. Seu nascimento se dá em *on dí de luna calente*, um tipo de certidão do indivíduo sem futuro. Sua biografia é pontuada por sucessivas trapalhadas. Mas o que torna esse anti-herói encantador é sua capacidade de reagir, de recuperar-se; após cada confusão, aparece ele alegre, festivo e triunfante, como se nada tivesse acontecido. Os insucessos não o abatem. Ele revive e retoma confiante o seu caminho (isto é, de todo o imigrante) em busca da *cucagna*. E só não toma posse de sua meia-colônia, a que tinha direito adquirido, porque foi condenado à morte por razões alheias a sua biografia e à vontade do autor.

A segunda obra a ser enfocada é *O quatrilho*, de José Clemente Pozenato. No meu entender, é nela que se encontra uma nova arquitetura antropológico-cultural pós-centenária da imigração italiana. O primeiro ponto desta nova engenharia mostra que o eixo se desloca da figura masculina (Nanetto) para a figura feminina (Teresa-Pierina-Giulieta). Torna-se difícil sintetizar esse novo perfil. Não custa tentar.

Para começar. A Família e a Igreja eram duas instituições intocáveis na cultura dos imigrantes. Essa crença aparece constantemente proclamada em todas as obras sobre a imigração. Dentro da família, encontramos a mulher - *la mamma* - como centro unificador; símbolo irradiador, preservador e cultivador dos valores familiares e religiosos.

O quatrilho, através, especialmente, de Pierina, Teresa e Giulieta, provoca, no meu entender, uma subversão na paisagem familiar. O comportamento de Teresa começa por desvelar uma dupla compreensão do casamento subliminarmente presente na mulher imigrante. Essa dupla compreensão aparece nas falas da tia Gema, como representante de um casamento aviltado, e as idéias, não tão manifestas, da mãe Giulieta, como representante de um casamento vivido com amor e prazer. O segundo passo de Teresa transforma-se num torpedo contra a visão corrente do casamento, quando descobre que o amor existe, apesar da tia Gema afirmar o contrário. O último passo é a constatação de que o amor existe fora e distinto do matrimônio. Casamento parece ser uma coisa, o amor outra. Simplificando, daria para concluir que existe um casamento como obrigação sociocultural e realização biológica de toda mulher, consolidado pela liturgia sacramental; aquele da tia Gema e de Pierina. E existiria um outro casamento nascido do amor, talvez, da paixão; aquele de Teresa e, em estado larvar, de Giulieta.

A descoberta de que o amor existe torna-se uma desestabilização dos princípios teológicos e morais, e inspira uma nova arquitetura matrimonial. O gesto rebelde de Teresa acaba se completando pela tradicional figura feminina encarnada por Pierina. É ela que completa os últimos traços da nova ordem matrimonial entregando-se a Ângelo, pois este já havia se submetido às normas do Padre Gentile.

Ainda, neste processo de subversão feminina da ordem matrimonial, não se pode esquecer a mãe Giulieta. Ela, ao assumir, perante o Padre Giobe, a culpa pelo desvario da filha Teresa, confessa que esta era a filha de uma infidelidade matrimonial sua. E, por fim, é Pierina que recusa uma acomodação em sua vida matrimonial, proposta pelo incorrigível moralista Padre Gentile, não sem destilar uma fina ironia contra um moralismo de aparência. E, também, não se pode esquecer que o marido Ângelo, mais uma vez, se omite deixando a decisão à mulher.

O momento mais dramático e, por que não dizer, mais sacrílego do novo perfil feminino é protagonizado por Pierina ao investir corajosamente contra a ordem eclesial. É importante ressaltar que no momento do auge de sua rebeldia é a voz masculina que tenta acalmar a sua fúria iconoclasta. A escolha do ambiente desta suprema revolta contra, talvez, não a Igreja, mas à hierarquia, não poderia ser mais eloqüente: uma igreja repleta de fiéis dóceis e o padre devidamente paramentado para o início do sacrifício da santa missa.

Este outro perfil antropológico-cultural feminino deve ser encarado como uma mera obra de ficção ou ele, de alguma maneira, pode representar uma dimensão do imaginário coletivo, mas silencioso, do imigrante? O desabafo de Pierina e a coragem de Teresa seriam atitudes pessoais e isoladas? Ou seriam um desconforto provocado por uma moral medieval autoritária, e pelos caprichos de maridos truculentos? Essas mulheres rebeldes representariam o antifeminino da cultura imigrante? Os gestos destes personagens devem ser entendidos como a desestabilização da ordem familiar e da ordem religiosa? Ou seriam as acomodações exigidas por um novo tempo dentro de um processo imigratório continuado?

Para completar esses traços limitados de um resumido perfil antropológico-cultural feminino, quero observar que, *O quatrinho*, apesar da aparente desestabilização das duas máximas instituições da cultura imigrante, preserva a unidade familiar e a presença da Igreja. As duas famílias aparecem no final exatamente dentro do padrão familiar do imigrante perenizado pela fotografia. As fotografias da família inteira e unida são encontradas em todas as casas antigas decorando as paredes. Houve uma reordenação familiar. E ainda, a ordem religiosa também sobrevive refletindo, inclusive, uma situação muito atual expressa pelas idéias progressistas e conservadoras. A ação do clero continua muito bem representada por duas figuras distintas de padre. O Padre Gentile, fiel ao seu ideal moralizador, aparece benzendo a casa e buscando assegurar a con-

tinuidade da moral familiar. O Padre Giobe, dentro de seu perfil compreensivo, consola a infiel Julieta e, de alguma maneira, absolve o gesto de Teresa e do sobrinho Máximo. Afinal, não haviam cometido nenhum crime, apenas seguiram os caminhos do amor.